



2510 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

OS INSCRITOS E CLASSIFICADOS NOS CONCURSOS VESTIBULARES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (2001-2015): análise longitudinal em relação a variável sexo
Silvana Rodrigues de Souza Sato - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina
Luiza Turnes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Agência e/ou Instituição Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Na última década, com a implementação das Políticas de Ações Afirmativas (PAAs), as discussões sobre a democratização do acesso à educação superior ganharam força à medida que transformações de caráter institucional demandam novos questionamentos acerca do perfil dos inscritos e classificados nos concursos vestibulares. Neste texto, decorrente de uma pesquisa vinculada a um Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), por meio de análise de questionários socioeconômicos respondidos pelos candidatos às vagas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) temos como objetivo analisar os dados dos inscritos e classificados no concurso vestibular (2001-2015) da UFSC conforme a variável sexo. Faremos também o cruzamento dessa variável com os cursos de maior prestígio, ou seja, aqueles que tem o maior número de candidatas(as) por vaga disponível. A pesquisa demonstra que o maior número de inscrições nos concursos da UFSC foram realizadas por mulheres, todavia o maior percentual de classificações são obtidas pelos homens, exceto no ano de 1996. Esse fenômeno demonstra que há uma constância na classificação de homens nos cursos vestibulares da UFSC e que o perfil do classificado nos cursos mais concorridos começa apresentar alguns movimentos de maior abertura para o público feminino.

OS INSCRITOS E CLASSIFICADOS NOS CONCURSOS VESTIBULARES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (2001-2015):

análise longitudinal em relação a variável sexo

RESUMO

Na última década, com a implementação das Políticas de Ações Afirmativas (PAAs), as discussões sobre a democratização do acesso à educação superior ganharam força à medida que transformações de caráter institucional demandam novos questionamentos acerca do perfil dos inscritos e classificados nos concursos vestibulares. Neste texto, decorrente de uma pesquisa vinculada a um Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), por meio de análise de questionários socioeconômicos respondidos pelos candidatos às vagas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) temos como objetivo analisar os dados dos inscritos e classificados no concurso vestibular (2001-2015) da UFSC conforme a variável sexo. Faremos também o cruzamento dessa variável com os cursos de maior prestígio, ou seja, aqueles que tem o maior número de candidatas(as) por vaga disponível. A pesquisa demonstra que o maior número de inscrições nos concursos da UFSC foram realizadas por mulheres, todavia o maior percentual de classificações são obtidas pelos homens, exceto no ano de 1996. Esse fenômeno demonstra que há uma constância na classificação de homens nos cursos vestibulares da UFSC e que o perfil do classificado nos cursos mais concorridos começa apresentar alguns movimentos de maior abertura para o público feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Superior; Democratização do acesso; Vestibular; Inscritos e Classificados; Sexo.

Elementos de contexto: Quem são os Inscritos e os Classificados nos concursos vestibulares da UFSC (2001 a 2015)?

A democratização do acesso à educação superior é um tema que pode ser analisado mediante inúmeras perspectivas e, por esse motivo, pode comportar várias abordagens. Pascueiro (2009), aponta três maneiras de investigar este objeto de pesquisa: via um conceito sociológico, valor social e político ou ainda enquanto processo. A primeira forma, se desdobraria em analisar as oportunidades e condições de acesso, a realização da formação e os resultados obtidos pelos estudantes. A segunda, o valor social e político, tece relações com o princípio de igualdade de acesso a posições, a bens ou serviços. E a última maneira, enquanto processo que pode ser visto positivamente, quando o acesso à educação superior é uma realidade para pessoas que pouco podiam usufruir deste nível de ensino ou negativamente, quando se constata que insuficientes mudanças foram sentidas no acesso de diferentes públicos ao ensino superior.

Estas três maneiras de pesquisar a temática podem e devem ser correlacionadas, pois constituem o mesmo fenômeno. Em relação ao conceito sociológico esta pesquisa centra-se nas oportunidades e condições de acesso, não adentrando aos outros dois pontos - realização da formação e resultados -, os quais são tão importantes quanto o acesso, mas não são foco deste artigo. No bojo destas discussões, ressaltamos a importância da análise de dados sobre os candidatos inscritos e classificados.

Quanto ao valor social e político da democratização, corroboramos com a autora citada anteriormente quando destaca que "o ensino superior é um mecanismo de redistribuição de posicionamentos econômicos e simbólicos. Neste sentido, as escolhas dos alunos pelas instituições e pelos cursos traduzem estratégias de classe" (PASCUEIRO, 2009, p. 33). E mais, o Estado e suas instituições auxiliam na manutenção social, quando no caso das universidades, notadamente às públicas, ofertam número reduzido de vagas, privilegiam determinados centros de ensino, criam poucos cursos, praticamente não diversificam os turnos para os estudos e expandem suas cadeiras para apenas algumas regiões ou graduações, nem sempre as mais procuradas pelos candidatos. Nesta esteira é importante ressaltar que

buscamos compreender se à educação superior, especificamente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), está sendo acessada por estudantes provenientes de diferentes grupos sociais.

Assim sendo, no que diz respeito às inscrições e classificações de homens e mulheres a UFSC e, mais particularmente, nos cursos mais procurados, entre os anos de 2001 e 2015, nos indagamos: Quem se inscreve mais nos concursos vestibulares da instituição, homens ou mulheres? Quem se classifica mais? São os homens ou as mulheres que mais se candidatam aos cursos de maior demanda? Quem são os mais exitosos nas seleções destas graduações?

Neste artigo que compõe parte dos resultados obtidos em uma pesquisa de doutorado vinculada a um Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) trabalhamos com a metodologia o estudo de caso (SARMENTO, 2003) da UFSC e com uma abordagem quantitativa dos dados analisados a partir dos questionários socioeconômicos respondidos pelos candidatos às vagas. Das inúmeras variáveis trabalhadas na pesquisa, para esta proposta objetivamos analisar os dados dos inscritos e classificados no concurso vestibular (2001-2015) da UFSC dando ênfase a variável sexo. Faremos também o cruzamento dessa variável com os cursos de maior prestígio, ou seja, aqueles que tem o maior número de candidatas(as) por vaga disponível.

Considerando o objetivo mencionado anteriormente esse artigo está organizado, além da introdução apresentada, nos seguintes itens e subitens: 1) Muitos inscritos e poucos classificados; 1.1) Análise do perfil e percurso do candidato: ênfase na variável sexo; 1.1.1) Determinantes sociais "definidos" no nascimento; 2) Inscrição e classificação nos cursos mais procurados; 2.1) Homens ou mulheres? Quem se inscreve mais e quem se classifica mais?; 2.1.1) Medicina e Direito diurno: inscrições femininas e classificações masculinas; 2.1.2) Arquitetura e Urbanismo: uma graduação do sexo feminino; 2.1.3) Direito noturno e Engenharia Civil: cursos com perfil masculino; Considerações finais e Referências.

1. Muitos inscritos e poucos classificados

O número de candidatos inscritos nos concursos vestibulares da UFSC é sempre maior que o de candidatos concorrentes, pois no conjunto dos primeiros estão os que realizam às provas por experiência^[1] que podem ou não já ter concluído o ensino médio. Entre os anos de 2001 e 2015, a universidade recebeu inscrições de 506.214 candidatos aptos à concorrência por suas vagas. No recorte de tempo da pesquisa, as candidaturas dividiram-se da seguinte maneira: 1) menos de 30.000 inscrições: 2007, 2008, 2009 e 2012; 2) entre 30.000 e 35.000: 2006, 2010, 2011, 2014 e 2015; 3) 35.000 a 40.000 candidaturas: 2001, 2002, 2004 e 2013; 4) mais de 40.000 inscrições: em 2003 e 2005.

A análise do número de inscrições nos permite afirmar que os maiores volumes de requerentes às cadeiras universitárias encontram-se nos primeiros cinco anos do período, com destaque para os anos de 2003 e 2005, nos quais registra-se as maiores cifras de solicitantes nos 15 anos investigados. No ano de 2006, o número de inscrições começou a decair, de 2005 para 2006 (menos 8,08%). Esta tendência decrescente prossegue nos três anos subsequentes (2007, 2008 e 2009), nos quais as cifras não chegam a atingir 30.000 inscrições. Após o ano de 2010, ocorreu uma retomada no crescimento do número de candidatos, mas os algarismos somente ultrapassam a casa das 35.000 candidaturas no ano de 2013.

A partir de 2003, o governo federal promoveu políticas e programas que visam o maior acesso de diferentes públicos à educação superior, seja ela privada ou pública. Particularmente na rede federal, o Programa de Ações Afirmativas e a Lei no 12.711 dispuseram sobre novas maneiras de distribuição das vagas. Estas modificações são amplamente discutidas e divulgadas, mas os seus efeitos não refletem de imediato nos cenários institucionais. Isso nos leva a pensar que a população necessita de um tempo para conhecer os dispositivos legais e perceber de que maneira podem usufruir das novas diretrizes, haja vista que o número geral de inscrições registradas pela Comissão Permanente do Vestibular (COPERVE) da UFSC ao invés de demonstrar aumento decaiu após a resolução normativa referente às ações afirmativas, voltando a apresentar crescimento somente no ano de 2010. Já, o número de candidaturas do ano de 2013 apresenta o maior crescimento dos últimos oito anos, o que confirma a hipótese de que o público estudantil e suas famílias precisam de um tempo para tomarem conhecimento das leis, no caso, a referente a disponibilidade de vagas reservadas para alunos da escola pública e também para diferentes grupos raciais. Provavelmente, houve um maior conhecimento e interação sobre as cotas raciais e para os alunos que frequentaram a escola pública.

A COPERVE/UFSC disponibiliza os dados gerais de cada vestibular e nesta relação torna público os números de candidatos aprovados e aprovados classificados. Os primeiros candidatos se inscreveram e passaram nas provas dos concursos e os segundos além de terem passado nos exames foram classificados conforme o número de vagas ofertadas pela instituição. Cabe destacar, o alto índice de aprovados nos concursos da UFSC entre os anos de 2001 e 2015: em cinco anos, o percentual de aprovados marca acima de 50%; em sete anos, entre 40 a 50% e somente em três anos, temos um percentual abaixo de 40% (no ano de 2015 tivemos o menor índice de aprovação de todo período, 21,91%). Ou seja, os índices demonstram que muitos candidatos teriam pontuações para entrar na universidade, o que faltaram foram as vagas para recebê-los.

No período investigado, como descrito anteriormente, 506.214 pessoas se inscreveram nos concursos vestibulares da UFSC, destes 69.054 se classificaram, ou seja, além de terem sido aprovados nos exames haviam vagas disponíveis para acolhê-los. A relação vagas ofertadas pela universidade e candidatos aprovados classificados se impõe para análise, pois o mesmo fenômeno ocorrido na oferta de cadeiras universitárias e a ocupação destas, entre os anos de 2001 e 2007, é semelhante. Neste intervalo de tempo a estabilidade verificada na oferta de vagas reflete na invariabilidade no número de classificados. Nos quatro anos seguintes (2008 a 2011), houve ampliação na oferta de vagas e conseqüentemente nas cifras de classificações, 1.660 candidatos a mais que no ano de 2007 acessaram às cadeiras universitárias. De 2011 para 2012, ocorreu um decréscimo de 9,73% no número de classificações mesmo que tenha havido aumento de vagas. Nos dois próximos anos (2013 e 2014), retorna o crescimento de vagas e classificações. Destaque para o ano de 2014, quando houve a maior marca de vagas e classificações na UFSC: 6.511 vagas ofertadas e 5.929 cadeiras ocupadas pelos classificados no concurso. Entre 2014 e 2015, apesar do número de vagas ofertadas continuar o mesmo do ano anterior, tivemos um decréscimo de 8,48% nas classificações, o que acarretou em um alto índice de vagas remanescentes.

1.1 Análise do perfil e percurso do candidato: ênfase na variável sexo

Pierre Merle (2009), François de Singly (2014) e Pierre Bourdieu (2008) afirmam que as variáveis como o sexo, categoria social e a origem étnica influenciam no prolongamento da carreira escolar dos indivíduos. Estes determinantes sociais são objeto da sociologia das desigualdades escolares e, por isso, consideramos necessário evidenciar algumas que compõe e fazem parte do contexto social do inscrito e do classificado em concursos de uma universidade pública federal, a UFSC, e que podem influenciar no ato de inscrição e classificação em determinada instituição de ensino.

Muitos pesquisadores brasileiros corroboram com a ideia de que variáveis definidas no nascimento e sociais contribuem e são constitutivas dos processos de desigualdades sociais e educacionais. Para Arroyo (2010), as desigualdades sociais, muitas vezes, são vistas genericamente. Segundo autor, esses coletivos desiguais “tem classe, raça, etnia, gênero, lugar” (p.1.386) e essas características não podem ser negligenciadas na construção do conhecimento das diversidades sociais.

A dissertação de mestrado de Lorenzet (2011) também realiza levantamento das características das desigualdades na educação superior brasileira. A autora aponta quatro características: estratificação econômica, descendência étnico-cultural, localização espacial e assimetrias regionais e diferenciação em relação ao gênero.

Bourdieu (1981, 2015) defende o conhecimento de diferentes indicadores fundamentais para configurar a história de vida dos agentes, por exemplo: idade, sexo, origem social, o tempo dedicado aos estudos, a profissão dos pais, entre outras. No caso dos candidatos a vagas universitárias, estas variáveis estão diretamente ligadas a participação na disputa, ao grau de seleção e, conseqüentemente a à hierarquia dos estabelecimentos, seja da educação básica ou superior. Cabe ressaltar que mesmo dentro das universidades públicas há uma hierarquia dos cursos de graduação, assim sendo, há uma classificação diferenciada de preparação para determinadas profissões.

Especialmente nesse artigo analisaremos a variável sexo e suas interfaces nas análises de todas as inscrições e classificações dos cursos ofertados pela UFSC. Nosso olhar ainda se voltará mais profundamente para estudos relacionadas a inscrição e classificação de homens e mulheres nas graduações mais procuradas na instituição.

1.1.1 Determinantes sociais “definidos” no nascimento

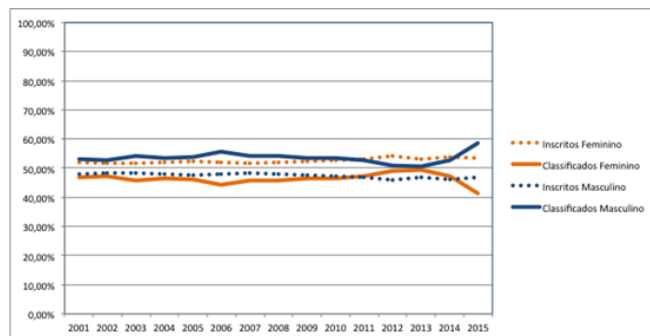
Os indicadores sexo, faixa etária e raça utilizados nos instrumentos de pesquisa referem-se diretamente as designações biológicas dos agentes. Singly (2014) enfatiza que diferentemente das pesquisas da psicologia social, na sociologia quantitativa, os dados referentes ao sexo, por exemplo, são binários (homem/mulher). Ou seja, esta ciência se apoia no registro oficial do sexo e assim trataremos os dados desta variável. Outra justificativa para esse tratamento dos dados é que o sexo autodeclarado nos questionários, foram registrados de forma binária pelos candidatos.

No ano de 2010 foi realizado um estudo preliminar sobre os índices de inscrições e classificações de mulheres e homens na UFSC entre os anos de 1981 a 2009. Nesta investigação foi constatado que nos primeiros anos os homens representavam a maioria do número de inscritos (59,3% em 1981). A diferença entre o número de homens e de mulheres inscritos no vestibular diminui gradativamente até atingir certa estabilidade. Entre os anos de 1990 a 1994 o número de inscrições masculinas e femininas representava aproximadamente 50% das candidaturas. A partir de 1995, observamos uma mudança significativa no quadro de inscritos que irá se reverberar até os dias atuais: o número de mulheres inscritas cresceu acompanhando o movimento também crescente do número de candidaturas gerais nos concursos.

Todavia, foram os homens que apresentaram o melhor desempenho, eles obtêm os maiores índices de classificação. Esta tendência foi se amenizando ao longo do período investigado, se eles representavam 59,3% dos classificados em 1981, em 2009 ocuparam 53,6% do total de vagas. Destacamos o ano de 1996 no qual as mulheres ocuparam pela primeira – e única vez – o maior número de cadeiras universitárias, 53,1% do total.

A continuidade das pesquisas demonstra que o fenômeno do maior número de inscrições nos concursos da UFSC terem sido realizadas por mulheres mas que o maior percentual de classificações são obtidas pelos homens, prossegue nos anos seguintes, até o ano limite desta investigação, 2015. Podemos observar o fenômeno descrito no gráfico 1.

Gráfico 1 – Relação do número de inscritos e classificados nos concursos vestibulares da UFSC de acordo com o sexo (2001 a 2015)



Fonte: Dados dos questionários socioeconômicos COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pela autora.

De 2001 a 2007, as candidatas às vagas universitárias se inscreveram em torno de 52% e os homens, 48%. Nos quatro anos seguintes (2008 a 2012) as candidaturas femininas ganharam mais força, alcançando a casa de 54%, contra 46% das inscrições masculinas. Assim sendo, de 2007 para 2012, a diferença entre o número de inscrições de mulheres e homens, dobra de quatro pontos percentuais para oito. Nos três últimos anos (2013 a 2015) tivemos poucas mudanças, embora, a diferença persista, ela é menor: seis pontos percentuais.

Se o número de inscrições de mulheres é sempre maior do que o dos homens em relação às classificações a vai na direção contrária, pois os homens classificam-se em maior número que as candidatas, o que se pode verificar no gráfico acima. Entre os anos de 2001 e 2006, os percentuais de classificação de homens e mulheres oscilam entre 53% e 56% para homens e 47% e 44% para mulheres. Mas de 2007 a 2013, a diferença das cifras de classificações entre os sexos se estreitou, pois se em 2007 a diferença era de oito pontos percentuais a mais de classificações masculinas em 2013 cai para pouco menos de dois pontos percentuais, quase igualando o número de classificações entre homens e mulheres. Nos dois últimos anos (2014 e 2015), o número de classificações de homens retoma o crescimento, distanciando-se novamente das mulheres. Destaque para o ano de 2015: 59% do total das vagas foram ocupadas por homens.

A dissertação de mestrado de Martins (2014) estuda os percursos de mulheres e homens em relação a inscrição, classificação e escolha de cursos na UFSC. Aponta um movimento contrário na instituição quando comparado ao maiores índices de matrículas femininas na educação superior nacional. Ainda constata que “no cenário nacional há? uma fluidez de mulheres em cursos de bacharelado e com maiores

valorizac?oes como administrac?a?o e direito, o mesmo na?o ocorre na UFSC" (2014, p. 1).

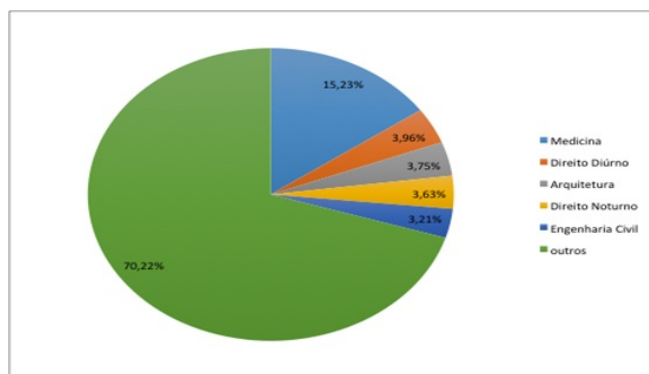
2. Inscri?ao e classificac?ao nos cursos mais procurados

H? muito tempo, diferentes estudos v?m mostrando que as universidades p?blicas brasileiras historicamente s?o consideradas elitizadas, por propiciarem reprodu?ao e continuidade de estudos mais para determinadas fra?oes de classe do que para outras. Nesta mesma esteira est?o os cursos de maior demanda e por isso nosso foco de an?lise voltou-se para eles. Se, segundo Langou?t (2002), a democratiza?ao do ensino acontece quando indiv?duos de diferentes grupos sociais adentram os mesmos espa?os educativos, a quest?o que procuramos responder neste trabalho ? na UFSC, especificamente nas gradua?oes de maior demanda, alunos de diferentes sexos est?o buscando e conquistando suas vagas?

Ao objetivarmos responder a esta indaga?ao, nos propomos a realizar um exerc?cio aparentemente pretensioso, que ? procurar descrever com a maior precis?o e rigor poss?vel os perfis, referentes a vari?vel sexo, dos inscritos e classificados nos cursos de maior demanda da UFSC.

No universo de 506.214 inscri?oes que a universidade recebeu entre 2001 e 2015, os cursos de maior demanda[2], ou seja, nos aqueles que os pretendentes a uma vaga universit?ria mais se inscreveram foram os seguintes, em ordem decrescente: Medicina, Direito diurno, Arquitetura e Urbanismo, Direito noturno e Engenharia Civil. Juntas estas gradua?oes totalizaram cerca de 30% do total de inscri?oes, com destaque para o curso de Medicina, que representa metade desta porcentagem (gr?fico 2).

Gr?fico 2 – Percentuais de inscri?oes nos cursos de maior demanda da UFSC entre os anos de 2001 e 2015



Fonte: Dados coletados nos question?rios socioecon?micos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

2. 1 Homens ou mulheres? Quem se inscreve mais e quem se classifica mais?

Refletir sobre as desigualdades sexuais reveladas nas diferen?as marcantes nas trajet?rias escolares de homens e mulheres sempre requer reafirmar que a hist?ria das institui?oes escolares n?o foi comum aos dois sexos. Por muito tempo as salas de aulas foram ocupadas pelo filho homem mais velho da fam?lia[3] e apenas muito tempo mais tarde pelas filhas. Os costumes herdados e as condi?oes impostas ?s mulheres retardaram o acesso ? alfabetiza?ao e ao ensino e, quando elas conseguiam chegar ? escola, seus percursos eram mais curtos que os dos homens. Estudos demonstraram as consequ?ncias do tratamento diferenciado entre homens e mulheres no acesso ? educa?ao, como tamb?m a abertura das portas da escola para ambos os sexos ap?s ?s reivindica?oes por educa?ao para todos os brasileiros principalmente nos anos de 1968 e na redemocratiza?ao do pa?s em 1980.

Contudo, Baudelot e Establet (2009), reivindicam que pensar a justi?a social e a efic?cia de um sistema escolar n?o pode se pautar apenas em fatores como as diferen?as de resultados entre classes sociais ou pa?ses de origem dos estudantes, mas tamb?m nas desigualdades entre os sexos. Em decorr?ncia de anos de exclus?o da escola reservada aos homens ou ? condena?ao a estudos voltados para o estatuto de m?es e/ou esposas, as mulheres, por longo tempo, ocuparam pouco espa?os de forma?ao. Mas como mostraram as pesquisas educacionais e particularmente este estudo, nos ?ltimos 40 anos o p?blico feminino come?ou a procurar mais os estabelecimentos de ensino, entre eles as universidades, como ? o caso da UFSC. Mas o reflexo da hist?ria se revela no momento de escolha de uma carreira, com consequ?ncias sobre a inscri?ao e a classifica?ao nos cursos de gradua?ao. Por mais que, hoje, possamos enfatizar a maior procura das mulheres ? forma?ao universit?ria, nossa pesquisa demonstra que s?o os homens que conseguem em maior n?mero acessar a este n?vel de ensino e que al?m disso, algumas carreiras profissionais se mant?m fechadas para elas. Portanto, "se as diferen?as t?m diminuído [entre homens e mulheres], elas est?o longe de ter desaparecido" (BAUDELLOT e ESTABLET, 2009, p. 99).

Se as mulheres se inscreveram mais e os homens se classificaram em maior n?mero nos concursos da UFSC, nos perguntamos: Ser? que aconteceu este mesmo movimento nos cursos mais procurados? Houve mudan?as ao longo do percurso investigado? Se sim, em quais cursos e em que per?odos?

2.1.1 Medicina e Direito diurno: inscri?oes femininas e classifica?oes masculinas

Entre os anos de 2001 e 2015, a gradua?ao em Medicina sempre foi mais requerida pelo p?blico feminino. A m?dia de inscri?oes realizadas pelas mulheres foi de 62,2% e a dos homens de 37,8%. Ao longo do per?odo, elas passaram a se candidatar mais que os homens: 9%. Movimento contr?rio aconteceu nos dados analisados relativos ?s classifica?oes. Em 10 dos 15 anos pesquisados, os homens se classificaram mais que as mulheres. O que podemos constatar no gr?fico abaixo.

Gráfico 3 – Inscrições e classificações de mulheres e homens no curso de Medicina (2001 a 2015)

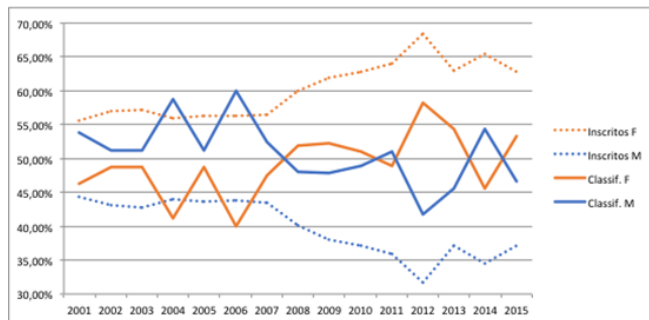


Fonte: Dados coletados nos questionários socioeconômicos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

Em relação às classificações de homens e mulheres no curso de Medicina, podemos caracterizá-las em duas etapas, as quais oscilam: 2001 a 2008, fase em que se classificam mais homens (2001; 2002; 2003 e 2005), fase melhor representada pelas mulheres (2004; 2006; 2007 e 2008). Com ênfase para os anos de 2002 e 2005, nos quais os homens classificaram-se, respectivamente 28% a mais que o número de mulheres. Destaque para o ano de 2008 em que a porcentagem de mulheres classificadas é 18% a mais que a de homens. A segunda etapa evidencia a grande presença de homens aprovados e classificados no curso. De 2009 a 2015, apenas no ano de 2014 tem-se praticamente o mesmo número de homens e mulheres classificados (50% para cada sexo), já nos demais anos sempre o maior percentual foi de classificações masculinas. Destacam-se os altos percentuais de classificação dos homens nos anos de 2009 e 2010, nessa ordem 66,3% e 62,3%.

Como no curso de Medicina, no Direito diurno as mulheres se candidataram em número sempre superior ao dos homens, em média 60% de candidaturas femininas contra 40% masculinas. A distância entre os sexos torna-se menor quanto à classificação, quando observamos que em 15 anos, aproximadamente 50% (média) de cada sexo consegue acessar às cadeiras universitárias. Mas ao contrário das inscrições, o número de mulheres e homens classificados oscila bastante dependendo do ano. Fenômeno que podemos conferir no gráfico 4:

Gráfico 4 – Inscritos e classificados segundo o sexo do curso de Direito diurno (2001 a 2015)



Fonte: Dados coletados nos questionários socioeconômicos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

Como afirmamos acima, o maior número de inscrições sempre foi realizado por mulheres do que por homens. Mas no começo do período abrangido por esta pesquisa, os percentuais de inscrições entre mulheres e homens eram mais próximos. Principalmente após o ano de 2008, eles foram se afastando e o número de candidaturas femininas aumentou consideravelmente.

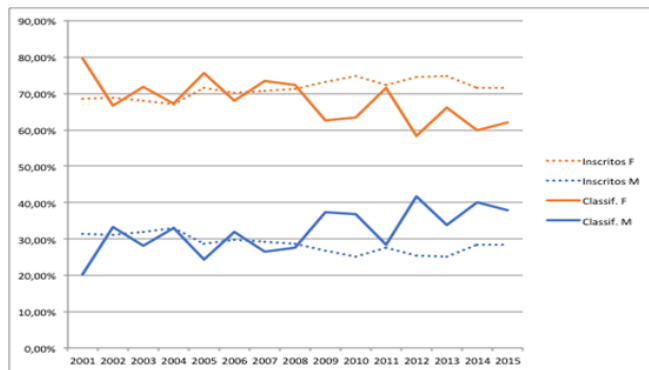
De 2001 a 2007, o número de inscrições realizadas por mulheres foi de 55% em média, já a de homens ficou em torno de 45%. A partir do ano de 2008 ocorreu uma maior procura pelo público feminino, marcando crescimento de 8% entre 2008 e 2012. Na fase seguinte, essa procura decaiu um pouco (de 65,4% para 62,8%), mas continua elevada.

Os maiores índices de classificação foram obtidos pelos homens, entre os anos de 2001 e 2007. Já entre os anos de 2008 e 2012, o maior percentual de classificados foi de mulheres, com exceção de 2011, ano em que 51% dos classificados se declararam do sexo masculino. De 2013 a 2015, as mulheres se classificaram em maior número em dois anos. Cabe destacar que, nos anos de 2004 e 2006, os percentuais de homens classificados se aproximaram da casa dos 60% e que nos outros anos esses percentuais entre os sexos estiveram muito próximos, mesmo que em determinado momento um se classifique mais que o outro. Outra questão observada foi que nos primeiros anos do período (2001 a 2007), os homens se classificavam mais que as mulheres, fato este que se reverte nos últimos anos, com exceção dos anos de 2011 e 2014. Mas no computo geral dos 15 anos, os homens se classificaram mais no segundo curso mais procurado pelos candidatos às vagas de Direito diurno da UFSC.

2.1.2 Arquitetura e Urbanismo: uma graduação do sexo feminino

As mulheres foram as que mais realizaram inscrições no curso de Arquitetura e Urbanismo durante o período pesquisado. Na primeira fase, os percentuais de candidaturas femininas giraram em torno de 67% a 71,4%. Nas duas etapas seguintes, a porcentagem sempre esteve acima de 70%, chegando ao percentual de mais de 74% nos anos de 2010, 2012 e 2013. Tendências que podemos verificar no próximo gráfico.

Gráfico 5 – Inscritos e classificados no curso de Arquitetura e Urbanismo conforme o sexo



Fonte: Dados coletados nos questionários socioeconômicos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

Ao contrário dos dois cursos anteriores, houve grande presença de mulheres nas listas de classificação dos concursos, mas o que difere do momento das inscrições foi que elas ocupavam mais cadeiras universitárias na primeira fase do que nas posteriores (de 2001 para 2015, houve queda de 17,6% na participação de mulheres). Entre os anos de 2001 e 2007, os percentuais de classificação das mulheres atingiram altas taxas entre 66% e 79,7%. Na segunda fase (2008 a 2012), nos dois primeiros anos e no penúltimo, o percentual anual sempre ultrapassou os 70% de aprovação feminina, ficando em outros dois anos, em torno de 63%. Destaque para o ano de 2012, quando ocorreu o menor percentual de classificação feminina do período (58,3%). Já entre os anos de 2013 a 2015, observa-se redução na classificação das mulheres, de 66% para 60%.

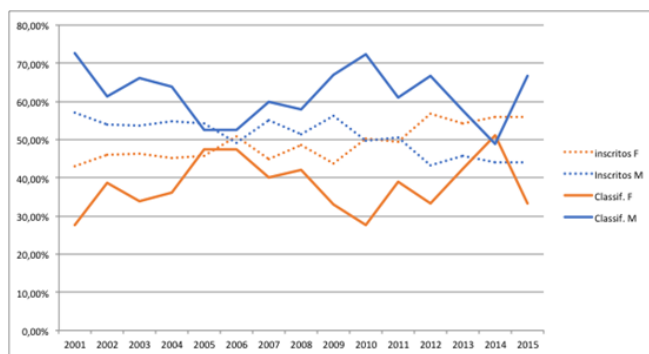
O gráfico 5 ainda demonstra a elevação contínua, mas por vezes oscilante, do público masculino que conseguiu se classificar em percentuais maiores para o curso de Arquitetura e Urbanismo, principalmente de 2012 a 2015, em que os percentuais de êxito desses candidatos atingiram cerca de 40% ao ano.

2.1.3 Direito noturno e Engenharia Civil: cursos com perfil masculino

Na maioria dos anos investigados, os homens se inscreveram em número maior para o curso de Direito noturno. De 2001 a 2007, em seis anos o maior número de candidaturas foram masculinas (entre 53% e 57%). No ano de 2006, ocorreu praticamente uma divisão no número total de inscrições, 50,86% foram efetuadas por mulheres e 49,14% por homens.

A segunda fase (2008 -2012), novamente foi marcada pelo maior número de inscrições masculinas, dos cinco anos desta etapa, em três os homens se candidataram mais, entre 50,6% e 56,2%. No ano de 2011, o número de inscrições de homens e mulheres foi praticamente o mesmo (respectivamente, 49,64% e 50,36%). A partir do ano de 2012, as mulheres passaram a predominar no cenário, atingindo entre 54,3% e 56,7% do total das inscrições. Quadro diferente se desenhou no que concerne às classificações, com exceção do ano de 2014, nos demais sempre o maior número de exitosos nos concursos foi de homens.

Gráfico 6 – Inscrições e classificações no curso de Direito noturno conforme o sexo



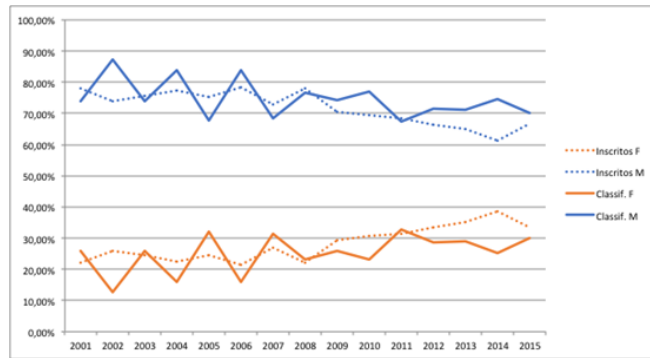
Fonte: Dados coletados nos questionários socioeconômicos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

Os dados que representam a classificação masculina para o curso de Direito noturno demonstram altos percentuais instáveis de desempenho. De 2001 a 2007, os percentuais oscilam em 20% (72,5% a 52,5%). Nesta fase, encontramos o percentual mais baixo de classificação feminina: 27,5% (2001). Ainda, em 2005 e 2006, nestes dois anos, tivemos os índices mais baixos de homens entrando no curso (52,5%), conseqüentemente uma maior aproximação entre homens e mulheres se deu na primeira fase pesquisada. Na segunda etapa, os homens se classificaram aproximadamente de 58% a 72%. De 2012 para 2013, houve um decréscimo de quase 9% na classificação dos homens, esta queda se acentua de 2013 para 2014, mais 9%. Mas no último ano da pesquisa, as classificações masculinas voltaram a marcar grande crescimento: 17,8%.

Outro curso que sempre recebeu maior número de candidaturas realizadas por homens e estes, também, sempre conseguiram se classificar em cifras mais elevadas que as das mulheres foi o quinto mais procurado da instituição, Engenharia civil. No entanto, observou-se que ocorreu um movimento de redução a procura por esta graduação por parte dos homens ao longo do período pesquisado, menos 11,3%

inscrições. E, em porcentagem menor (aproximadamente 4%), quanto as classificações.

Gráfico 7 – Inscrições e classificações de acordo com o sexo para o curso de Engenharia Civil



Fonte: Dados coletados nos questionários socioeconômicos da COPERVE/UFSC (2001 a 2015), organizados pelas autoras.

A redução no número de candidaturas realizadas pelos homens foi mais evidente nas segunda e terceira fases. Entre 2001 e 2007, as inscrições masculinas foram em torno de 75% e 78%, tendo havido decréscimos no ano de 2002 e 2007 para a casa aproximada dos 73%. No ano de 2008 a procura voltou a crescer, 77,9%. Este acréscimo não persiste nos anos subsequentes: de 2008 para 2009 ocorreu uma queda de mais ou menos 8% das inscrições masculinas e mais 3,5% até 2012. Nos dois primeiros anos da última etapa a redução continua, chegando a marca de 61% das inscrições efetuadas por homens em 2014. Já em 2015, houve aumento de 5, 6% nas candidaturas masculinas para o curso de Engenharia Civil. Ou seja, se de 2008 a 2014 ocorreu redução de procura pela graduação por parte dos homens, nesse período a demanda feminina acresceu 16,6%.

Se, como vimos, as mulheres estão se inscrevendo mais para as cadeiras de Engenharia Civil nos últimos oito anos desta pesquisa, o avanço na chance objetiva de cursar a graduação não acompanhou os mesmos índices, pois elas não conseguiram se classificar na mesma proporção em que se inscreveram. De 2001 a 2007, tivemos uma fase totalmente irregular no número de classificações, dos sete anos em quatro às classificações ficaram em torno de 26% a 32% e nos outros três, baixaram para os percentuais entre 12,7% e 16%. A segunda fase, foi a única em que ocorreu um aumento de quase 10% (de 23% a 32,6%) e na última ocorreu novamente queda para índices entre 25,2% a 29,9%.

Ainda convém sublinhar que, somente em três anos as mulheres conseguiram atingir acima de 30% do total das classificações para o curso de Engenharia Civil (2005; 2007 e 2010). Além disso, as cifras de classificação masculinas nunca baixaram da alta marca de 67,3%, chegando a 87,2% no ano de 2002.

Considerações finais

Com a análise dos dados dos inscritos e classificados nos concursos vestibulares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no período de 2001 a 2015 verificamos que mesmo que as mulheres estejam procurando mais a formação universitária são os homens que conseguem em maior número o acesso a este nível de ensino. Além disso, algumas carreiras profissionais e, portanto os cursos de graduação, são acessados majoritariamente pelo público masculino.

Em síntese, podemos afirmar que em relação as inscrições e classificações de homens e mulheres, ocorreram muito mais permanências do que mudanças ao longo do período pesquisado. Quando da análise dos dados de todos os candidatos, confirmamos o maior número de inscrições sendo realizadas pelas mulheres, já às classificações sempre foram mais exitosas para os homens. O mesmo ocorreu nos cursos de Medicina e Direito diurno, ou seja, o público feminino se inscreve mais para estas graduações, mas são os homens que acessam mais às cadeiras universitárias. Cabe destacar, o aumento das inscrições e classificações femininas após 2007/2008 no último curso.

O curso de Arquitetura e Urbanismo sempre recebeu mais candidaturas e, conseqüentemente mais aprovações de mulheres. O que vêm mudando na última fase (2013 a 2015), pois os homens começaram a demonstrar melhores desempenhos nos concursos para esta graduação, mesmo não ultrapassando os índices de classificação das mulheres.

Quanto às inscrições nos cursos de Direito noturno e Engenharia Civil, movimento contrário ocorreu, pois são os homens que se inscrevem em maior número. Enfatizamos que nos últimos anos da pesquisa, as mulheres também estão procurando mais estes dois cursos, o que aumentou os percentuais de inscrição de candidatos deste sexo. No entanto, as taxas de classificação dos homens na graduação de Direito noturno sempre foram maiores que as das mulheres, com exceção apenas em um ano, 2014. E no curso de Engenharia Civil, a partir de 2008, observamos maior procura e classificação do grupo feminino. Mas o aumento das inscrições é muito mais evidente que o das classificações das candidatas.

Constatamos que com a implementação das PAAs houve uma ampliação das oportunidades de acesso para públicos antes excluídos da universidade pública, entretanto colocam-se novos desafios para toda a sociedade concernentes à ampliação dos dispositivos legais e programas para a continuidade do processo de democratização do acesso a este nível de ensino e, também, a luta pela permanência.

Referências

ARROYO, Miguel. Políticas Educacionais e Desigualdades: à procura de novos significados. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.31, n.113, p.1381-1416, out.-dez., 2010.

BAUDELLOT, Christian e ESTABLET, Roger. **L'elitisme républicain: L'école française à L'épreuve des comparaisons internationales**. Éditions

du Seuil et La République des Idées, Paris, mars, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

_____. Provação escolar e consagração social: as classes preparatórias para as grandes escolas. Tradução Tiago Santos Ribeiro e Silvana Rodrigues de Souza Sato. Revisão técnica de Ione Ribeiro Valle. **Revista Tempo e espaços em educação**. Número Temático: "Pierre Bourdieu: da Sociologia à educação". Volume 8. Número 15. Editora UFS: Universidade Federal de Sergipe. Janeiro/abril 2015. [1981]

LANGOUËT, Gabriel. A escola francesa se democratiza, mas a inserção social torna-se cada vez mais difícil. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 20, n. Especial, p. 85-106, jul./dez.2002.

LORENZET, Deloíze. **A expansão da educação superior brasileira**: o tensionamento entre público e o privado. Dissertação de Mestrado. Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2011.

MARTINS, Mariele. **A expansão da educação superior brasileira**: diferentes oportunidades, segundo a origem social e diferentes percursos, segundo o gênero. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

MERLE, Pierre. **La démocratisation de l'enseignement**. 2ª edição. Éditions La Découverte, Paris, 2009.

PASCUEIRO, Líliliana. Breve contextualização ao tema da democratização do acesso ao ensino superior: a presença de novos públicos em contexto universitário. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, nº 28, Portugal, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T.; ZAGO, N. (Orgs). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SINGLY, François de. **Le Questionnaire**. 3ª. edição. Éditions Armand Colin, Paris, 2012.

[1] O conjunto dos dados analisados não contempla informações dos candidatos que realizaram os vestibulares da UFSC na modalidade por experiência. Nos anos de 2008, 2009 e 2016 temos as maiores marcas de participação nos concursos deste público.

[2] Para a composição dos cursos de maior demanda da Universidade Federal de Santa Catarina foi considerada a somatória do número de inscrições para as graduações da instituição entre os anos de 2001 e 2015. Cabe destacar que entre os anos de 2001 e 2007 além dos cursos de Medicina, Direito diurno e noturno, as graduações de Jornalismo, Nutrição e Ciências Biológicas também apresentavam grandes cifras de procura. Cenário que começou a mudar entre 2007 e 2008 e que se caracterizou com alta demanda nos cinco cursos selecionados para este estudo, que juntos foram os que receberam maior número de inscrições em todo o período.

[3] Na obra Virginia Woolf (2011), a autora enfatiza como era diferente a educação de meninos e meninas, ao escrever sobre a biografia da escritora inglesa, expõe que "Thoby [irmão mais velho de Virginia] é o ídolo de Virginia. Seu alter ego. Aquele que inveja em segredo. Sente ciúmes das vantagens que tem por ser menino. Não apenas lhe confiam a tarefa de trazer o barco até ao porto, mas, em Londres, tem uma sorte inestimável: ir à escola. Virginia, por sua vez, aprende com o único meio de que então dispõe: seu senso de observação" (pgs. 14 e 15).